



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

COMUNICAÇÃO ORAL

BLACK MIRROR E SUAS REPRESENTAÇÕES DE NOSSOS TEMPOS: TECNOLOGIA E DISTOPIAS COTIDIANAS

Júlia Camargos Magalhães, Luis Fernando Tosta Barbato
Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Patos de Minas
Órgão Financiador (se houver)
juliacamargo15@gmail.com, luisbarbato@iftm.edu.br

Pensar na pós-modernidade e nos processos de desenvolvimento técnico-científico, é observar as concepções positivas a partir desses trabalhos, tais como o surgimento de tecnologias que priorizam a praticidade cotidiana ou a inovação tecnológica que enfeitiça os usuários, mas é também observar um medo e uma incerteza acerca do futuro, algo constantemente retratado na literatura, no cinema e nas mais diversas representações artísticas através das distopias. O presente trabalho tem como objetivo a análise da série distópica *Black Mirror* como um significativo exemplo de representação hiperbólica, ou ainda, uma previsão para um futuro distópico da realidade contemporânea. Procura-se conceituar e apontar as principais distopias cotidianas, a partir da relação sociedade-tecnologia e as formas pelo qual esta última influencia diretamente e além do espaço virtual, sendo capaz de ditar comportamentos e situações rotineiras da sociedade. Assim, aponta-se a relevância da presente pesquisa, uma vez que os termos aqui abordados – como cultura do cancelamento, linchamento virtual, *fake news* – são o palco das principais discussões atuais que cada vez mais submetem o ser humano a uma posição de submissão tecnológica e ao sistema, evidenciando, portanto, os perigos das influências da tecnologia e o desconhecimento acerca do que nos espera futuramente.

Palavras-chave: distopias; tecnologia; black mirror.

Introdução

Ao se pensar na modernidade encontra-se um mar de novos conceitos, instituições sociais, liberdades, regras e costumes que são facilmente representados no cinema e na literatura. Sabendo disso, é comum tentar entender as questões contemporâneas através de filmes, séries, livros e as mais diversas formas de comunicação digital tão normalizadas socialmente dentre as mais amplas faixas etárias. Um exemplo disso, é o esforço que se coloca a respeito da Geração *Millennials*¹, ou ainda a Geração Y, no que se diz respeito ao ritmo de mudança, a necessidade e o grau de interatividade, o acesso à informação e o entendimento do mundo, que, em conjunto, definem uma nova forma de ser e de agir na sociedade (LOMBARDIA et al., 2008; TAPSCOTT, 2008; COIMBRA; SCHIKMANN, 2001 apud VASCONCELOS, et. al., 2010) ou ainda sobre a Geração Z, esta nascida entre a segunda metade dos anos 1990 até o início de 2010, com o que se diz respeito ao fato de serem a primeira geração a nascer dentro da era digital, ou como Oliveira

¹De uma forma geral, são pessoas que já nasceram em um mundo estável e bastante tecnológico – conheceram telefonia, internet e computadores mais sofisticados que seus pais, o que lhes confere maior facilidade ao lidar com diferentes tecnologias (CARVALHO, 2017, p. 14).

(2010) diz, uma sociedade “banhada” em bits. É nesse sentido de fácil acesso aos sistemas midiáticos, à internet e os produtos que ela propõe, que se torna constante a busca por conteúdos que idealizem o mundo perfeito, longe das injustiças facilmente expostas pela rede, ou ainda um mundo que satisfaçam as ambições humanas em relação às evoluções tecnológicas e sistemáticas que agreguem nas relações sociais.

Para que se entenda o objeto de estudo da presente pesquisa, é necessário se conceitue a utopia, que é, ao mesmo tempo, um gênero literário que consiste na narrativa sobre a sociedade perfeita e feliz e um discurso político que procura expor a cidade justa (HILÁRIO, 2013). Etimologicamente, utopia (*u-topos*) significa lugar nenhum, podendo assim evidenciar a incapacidade da existência de um mundo perfeito, mesmo com sua constante busca. Por sua vez, a distopia ou ainda *antiutopia* surge com a concepção de que tudo está abalado, noção de um processo de grandes rupturas, agitações, caos, repressões e totalitarismo, que põe em xeque a própria existência da humanidade, na possibilidade real, da sua destruição total (SILVA, 2011, p.92 apud PEREIRA, 2018).

Pensando nas representações distópicas da literatura e do universo cinematográfico, é extremamente comum sua utilização como forma de protesto, de sátira ou ainda avisos e conselhos nos que se diz respeito ao tempo presente da sociedade, expondo nas telas e nos livros um possível futuro ou, talvez, uma realidade extrema que as instituições sociais podem estar adquirindo. Dessa forma, a pesquisa tem como principal objeto de estudo a série distópica *Black Mirror* lançada em 2011. A produção de Charlie Brooker, Jesse Armstrong e William Bridges é caracterizada como ficção científica, sátira, distopia e humor negro de acordo com a plataforma de streaming *Netflix*, e tem como objetivo fazer com que o telespectador se enxergue e se veja refletido nas principais questões retratadas na série, tais como o consumo extremo, o linchamento virtual e a dependência da tecnologia. O próprio criador Charlie Booker, ao dar entrevista ao canal de TV britânico *Channel 4*, explica o nome de sua produção como *toda TV, ou tela de LCD, iPhone e iPad – algo do tipo – se você ficar olhando parece um espelho negro, e há algo frio e apavorante nisso*. A partir da fala de Booker, é possível extrair o cerne da filosofia de *Black Mirror*, que é, literalmente, fazer com o que o espectador enxergue o seu reflexo nas diversas tramas que são atribuídas aos episódios da série.

A distopia, de acordo com Araújo (2018) acaba que por criticar a sociedade transformada pelo desenvolvimento científico e tecnológico, sem levar em consideração as virtudes humanas e os valores culturais. Assim, serão apontados os empecilhos nas relações sociais a partir de questões que extrapolam o meio digital e as influenciam diretamente, assim como no episódio *Nosedive*, em que uma rede social é capaz de ditar os pertencentes da alta sociedade – e, consequentemente, os da baixa – de acordo com um sistema de estrelas em que, a todo momento, as pessoas se avaliam pelos mais diversos motivos. Ou ainda no episódio *White Bear*, no qual a personagem principal sofre punições tão cruéis que extrapolam os seus próprios crimes, fazendo com o que espectador se pergunte se tudo aquilo é realmente necessário, sendo possível uma comparação com o extremo linchamento virtual.

Dessa forma, a partir da tecnologia distópica de *Black Mirror* e seus usos para os mais diversos tipos de serviço e de sua análise, a presente pesquisa tem como objetivo principal o reconhecimento das explícitas referências do universo distópico de *Black Mirror* à realidade. Com a leitura e a interpretação deste mundo distópico, serão analisadas questões, até então, muito recentes e sem aprofundamento científico, tais como: a cultura do cancelamento – nomeada pelos próprios praticantes do linchamento virtual –, assim como a segregação virtual, a polarização política restrita ao meio midiático, além de se aprofundar em algumas questões



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

relacionadas a *Fake News* e a pós-verdade; conceitos estes que são retratados na série de forma hiperbólica e até mesmo de forma mascarada como consequências da utilização extrema desta tecnologia.

Objetivos

O objetivo do projeto é, a partir da análise de episódios de *Black Mirror*, entender como a série constrói um conceito muito próprio de distopia, tendo sempre a tecnologia como elemento central de um cenário no qual observamos uma sociedade imersa em recursos tecnológicos, e o quanto essa intensa relação sociedade e tecnologia pode se tornar problemática do ponto de vista das relações sociais, estabelecendo assim um paralelo entre essas representações distópicas presentes na série e os problemas que decorrentes dessa relação no mundo atual. Nesse sentido, procura-se analisar, a partir do que é representado no mundo distópico da série, conceitos contemporâneos inclusos na realidade virtual, como: a *fake news* e a pós verdade, polarização política, a cultura do cancelamento e do linchamento virtual, além das máscaras e aparências que são mantidas nas mais diversas formas nas redes sociais. Sendo os principais objetivos específicos:

- Fazer uma reflexão sobre o que dita o nome *Black Mirror* e do exagero de questões recorrentes na sociedade moderna, além da política de comoção extrema praticada pela massa de mídia.
- A conceituação das distopias cotidianas.
- Entender como a série lida com a liberdade individual e como tal pode estar influenciando nas escolhas de narrativas, fazendo-se um paralelo com a modernidade.

Metodologia

Para a execução do presente projeto, a metodologia principal irá se basear na leitura de artigos, ou seja, se trata de uma pesquisa essencialmente qualitativa. Nesse sentido, a partir da leitura do referencial teórico, somado ao processo de análise prática dos episódios de *Black Mirror*, assim como a seleção dos capítulos mais relevantes, será estruturada as discussões e resultados futuros. Assim, para a realização desta pesquisa irá ser utilizada fontes textuais e iconográficas, compreendendo as seguintes fases:

1. Levantamento bibliográfico sobre as utopias e distopias.
2. Análise dos 22 episódios de *Black Mirror*.
3. Seleção dos capítulos que se destacaram nas questões a serem analisadas, tais como: a distópica tecnologia e suas influências na sociedade.
4. Sistematização de dados e produção do relatório científico.

Referencial teórico

Em relação a bibliografia que se debruça sobre os mais variados temas dentro da evolução tecnológica, e das distopias que se baseiam em percepções pessimistas de um futuro, há uma imensa gama de referências e pesquisadores que se dedicam ao tema que nos serão úteis para o desenvolvimento do trabalho. É possível dizer que há um imenso embate de ideias sobre o que se entende da necessidade de uma expectativa próspera de um futuro para que se exista, de fato, o pensamento contrário e pessimista que se tornou tão mais frequente nas mais diversas organizações sociais atuais, assim como apontado por Russel Jacoby em sua obra *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica* (JACOBY, 2007). O estudo do presente livro será útil para que se entenda como a busca pelo mundo perfeito e positividade por

trás da utopia passou a ser enxergado com olhos de desconfiança na modernidade. Destaca-se, também, *Science Fiction, Imperialism and the Third World: Essays on Postcolonial Literature and Film* (HOAGLAND; SARWAL, 2010), mais especificamente a quarta parte desta coletânea denominada *Utopia/Dystopia*. A citar-se como um bom artigo *The Shapes of Dystopia: Boundaries, Hybridity and the Politics of Power* de Jessica Langer (LANGER, 2010), no qual, novamente, há um aprofundamento no conceito de distopia.

É interessante dizer que as reflexões filosóficas em *Utopia e distopias do século XXI e pós-modernismo* de Vítor Vieira Ferreira (FERREIRA, 2015) serão de suma importância, uma vez que traz a compreensão do homem e a sociedade em um determinado contexto - se o desagrada, tende a utopia; ou fomenta um medo que determina a perspectiva pessimista, a distopia -, seja este um contexto tradicional histórico ou dentro de núcleos mais restritos.

Pode-se citar ainda a coletânea *Distopia e monstruosidade* organizada por André Cardoso e Pedro Sasse (CARDOSO; SASSE, 2020), que conta com uma gama de artigos sobre as mais diversas questões que abrangem e estruturam o conceito de distopia. Assim, para protagonizar *Black Mirror* na presente pesquisa, cita-se como exemplo o artigo de Victoria Barros Moura *O duplo e sombrio em Black Mirror* (MOURA, 2018), no qual a mesma faz uma análise das semelhanças presentes nos episódios *Be Right Back* e *White Christmas*, podendo, assim, servir de referência de metodologia de estudo.

Vale ressaltar que, apesar do apontamento de algumas obras a serem utilizadas como referencial teórico, essencialmente no que toca a conceitos anteriormente mencionados - utopia e distopia -, isso não isenta o trabalho de se debruçar em demais outras fontes, principalmente naquelas que focam em temas mais específicos que serão apontados, a partir da análise dos episódios, com o desenvolvimento da pesquisa. Assim, é interessante citar *Linchamentos em rede: justiça e violência-resposta na internet* de Rafael Almeida Ávila Lobo e Max Suel Dummer Coutinho Filho (FILHO; LOBO, 2017), no que se diz respeito ao que se aproxima da cultura do cancelamento.

Desenvolvimento/resultado

É lícito dizer que o presente trabalho encontra-se em desenvolvimento, por isso ainda são poucos os resultados a serem apresentados. Apesar disso, é possível apontar que o universo distópico de *Black Mirror*, através dos episódios com histórias independentes, se preocupa em expor de forma ampla e pessimista aspectos relacionados a tecnologia que, a partir da maior dependência humana e da mecanização de grandes práticas industriais, acabaram por ser normalizadas na era moderna. É possível dizer que a tecnologia acaba que por se organizar em duas facetas: aquela pronta para lançar a raça humana numa nova corrida tecnológica, de desenvolvimento e supremacia; e aquela que diminui o ser humano a um ser dependente de sistemas tecnológicos, gerando, assim, complicações acerca de sua vida pessoal e profissional.

Inicialmente, a tecnologia é vendida por um discurso de libertação humana a partir da automatização dos serviços, mas, ao se pensar em expectativas distópicas para o futuro isso acaba se transformando. Nisso, os sistemas tecnológicos passaram a ser retratados nas distopias como o principal agente de uma sociedade, mas também, o principal vilão que afasta o homem de seus núcleos sociais, culturais e até mesmo políticos. Assim, é notório o crescimento da dependência humana em todos os sistemas tecnológicos até então inventados em prol de uma praticidade.

Considerações finais



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

A presente pesquisa é de suma relevância, justamente porque se coloca dentro da contemporaneidade e de seus principais assuntos sociais, estes intimamente ligados a tecnologia. Assim, contribui ao somar conhecimento na extensa e conturbada análise das sociedades pós-modernas ao apontar suas tendências a se afastarem cada vez mais de um mundo perfeito e a ampararem um mundo desvirtuado e problemático. Dessa maneira, sabendo que as redes sociais e o espaço midiático ocupam um espaço reduzido nos estudos das ciências humanas, mesmo sendo algo bastante recorrente e o principal palco da grande parte dos embates, das guerras de narrativas, das angústias sociais, conclui-se que, a partir do que é retratado na série, é de suma importância a busca por novas concepções e interpretações de conceitos ligados intimamente aos espaços midiáticos tão frequentes como forma de se entender melhor a lógica da atualidade.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção científica e distopia: considerações acerca da cidade e do corpo em *Umbra* (1977) e *Asilo nas Torres* (1979). **Afluente**, Bacabal, v. 3, n. 7, p. 172-183, 2018.
- CARVALHO, Nathália Cristina Oliveira de. **Millennials**: quem são e o que anseiam os jovens da Geração Y. Rio de Janeiro, 2017.
- FERREIRA, Vítor Vieira. Utopia e distopias no século XXI e pós modernismo. *Papéis, Campo Grande*, v.19, n. 38, 2015, p. 64-82, 2015.
- FILHO, Max. S. Dummer Coutinho; LOBO, Rafael de. A. Ávila. Linchamentos em rede: justiça e violência-resposta na internet. **Novos Rumos Sociológicos (NORUS)**, Pelotas, v. 5, n. 7, p. 190-216, 2017.
- FROTA, Adolfo José de Souza. Reflexões sobre o pessimismo distópico em *A Estrada*, de Cormac Maccarthy. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 12, n. 13, 2010.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura, Florianópolis*, v. 18, n. 2, 2013, 201-215, 2018.
- IKEDA, Augusto. Black Mirror: por que a série da Netflix tem esse nome? **Ei Nerd**, 2019. Disponível em: <https://www.einerd.com.br/black-mirror-nome-significado/#:~:text=Ningu%C3%A9m%20melhor%20que%20o%20pr%C3%B3prio,atr%C3%A1s%20do%20nome%20da%20s%C3%A9rie>. Acesso em: 10 de junho, 2020.
- JACOBY, Russel. **Picture Imperfect**: Utopian thought for an Anti-Utopian age. New York: Columbia University Press, 2005.
- LANGER, Jessica. **The Shapes of Dystopia: Boundaries**, Hybridity and the Politics of Power. *Science Fiction, Imperialism and the Third World: Essays on Postcolonial Literature and Films*, London: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2010. 171-187.
- MARTINENKO, Nair; SOUZA, Rosana Vieira. *Imaginário Social, Tecnologia e Distopias no Cinema de Ficção: Uma Abordagem do Filme Mad Max: Fury Road*. São Paulo: s.n, 2016.
- MOURA, Victoria Barros. O duplo e o sombrio em *Black Mirror*. **Distopia e monstruosidade**, Rio de Janeiro, 2018, 62-76, 2020.
- OLIVEIRA, Gustavo Medeiros. **Geração Z**: uma nova forma de sociedade. 2010. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2012.
- PEREIRA, Luiz Fernando Soares. **O estado de exceção como distopia**: um olhar historiográfico sobre a obra *O processo*, de Franz Kafka. Vitória: s.n, 2018.
- VASCONCELOS, K; MERHI, D; GOULART, V; SILVA, A. A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 8, n. 2, 2010.